



Criança avá-guarani do Paraná

**CEDI**

**Povos In**

*Cimi coordena a defesa dos avá-guaranis*

**il**

Fonte: \_\_\_\_\_

SS.: 1136

Data: \_\_\_\_\_

MÁRIO CHIMANOVITCH

Um encontro de consulta, com o objetivo de discutir a questão dos índios avá-guaranis, que habitam a região do rio Ocoí, no Oeste do Paraná — e que estão ameaçados de perderem suas terras, que estão brevemente inundadas pela represa de Itaipu —, será promovido dia 27 próximo em Curitiba pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi).

Em reunião anterior, realizada em 27 de novembro do ano passado, deliberou-se que os guaranis deveriam oficializar o pedido de reserva à Funai, de acordo com o artigo 20 da Lei 6001/73 (o Estatuto do Índio). E que, posteriormente, em caso de omissão ou negativa por parte do órgão, o Cimi lançaria mão de recursos jurídicos para garantir a defesa dos direitos da tribo. É possível que isso venha a ocorrer agora, durante o encontro de Curitiba, com a decisão de se impetrar um mandado de segurança, com pedido de liminar, deixando-se ainda em aberto a eventualidade de uma ação popular.

Segundo um relato que acaba de ser divulgado pela Regional Sul do Cimi, no dia 14 de dezembro último, estiveram em Brasília os representantes dos guaranis — Fernando Martins, Balbino Benites e João Martines —, que se avistaram com o presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal.

Durante esse contato, que durou cerca de duas horas e que foi presenciado também por enviados do Cimi-Sul e da Comissão Justiça e Paz do Paraná, o presidente da Funai descartou a possibilidade de serem realizadas desapropriações de terras com o fim de atender-se aos direitos do povo guarani. Em contrapartida, o coronel Leal limitou as possibilidades de solução para o caso à existência de terras públicas disponíveis, buscando sempre colocar o problema em termos de "famílias" e não de comunidade indígena, aludindo a "lotes de tantos hectares" e não a ocupação coletiva imemorial. Chegou a afirmar, ironizando — revela o documento do Cimi-Sul — "que Copacabana também era dos índios".

**"ATÉ O ÚLTIMO RATO"**

Os representantes guaranis retrucaram propondo estabelecer sua locação no Parque do Iguaçu, em razão da existência de matas naquela região. O presidente da Funai, respondeu-lhes afirmando que isso seria impossível, uma vez que os "índios depredam a fauna, desmatam e acabam com todos os bichinhos, até o último rato" (sic).

No mês seguinte a esse encontro, a empresa Itaipu divulgava, com o endosso da Funai, sua proposta de solução para o problema dos avá-guaranis: entregar aos índios 20 hectares de terras remanescentes de uma fazenda desapropriada no município de Santa Helena, e mais 80 hectares contíguos pertencentes à faixa de segurança da represa (faixa que margeia o lago e que possui largura de cerca de 300 metros). As terras encontram-se totalmente desmatadas, hoje ocupadas em soja (lavoura mecanizada). Mesmo assim, a Itaipu informou que, entre as restrições que seriam impostas aos índios, figura a de que eles não poderiam semear ou construir moradias sobre os 80 hectares contíguos. Em outras palavras, essa terra não seria sua, mas apenas "emprestada".

**A RESPOSTA**

No dia 5 de fevereiro, os avá-guaranis enviaram carta à Funai e à Itaipu respondendo à proposição formulada pelos dois órgãos:

"Como é que a nossa comunidade vai poder viver nesses 20 ou nesses 100 ha? Porque nós somos mais de 20 casais e com muitas famílias. E também não dava pro guarani aceitar porque nossa terra sempre foi desde o Jacutinga até o rio Ocoí. E vai da estrada de Foz para Santa Helena, no lado que o sol levanta, até o rio Paraná, no lado que o sol se esconde. Então, como que guarani vai trocar tudo isso com os 20 ou 100 hectares da Itaipu?"

"O guarani está falando que ele quer o mato, porque o Nosso Pai foi o primeiro que abriu essa terra e ele deu mato pro guarani. E o guarani não vive no limpo, ele gosta de mato onde tem bichinhos, tem passarinho. O sistema do guarani é viver aonde tem mato. Por isso nós quer o mato. Tem que arrumar o mato. E aumentar a família. E se depois não tem mais lugar?"

"Essa terra de Itaipu é boa para plantar, mas não dá para o guarani: não dá para o guarani não tem mato, é pouca terra. Tem que procurar o mato. Mas o mato não pode ser só um pedacinho, porque depois acaba a lenha, não tem bichinho. A nossa gente precisa do mato para fazer a casa. Como vai fazer a casa? De capim não dá. Vai fazer a casa de terra? De terra não dá. (...) Funai precisa vir falar com o guarani pra entender o nosso sistema. Nós não queremos viver como o carai (homem branco)."

"Nós viajamos muito longe, andamos bastante pra dizer pro governo que nós não queremos sair do nosso lugar, porque aqui sempre viveram os nossos pais e os pais dos nossos pais e nós nascemos e se criamos aqui. Mas como vai vir essa água de Itaipu o guarani tem que deixar essa terra. Então nós queremos um lugar pra viver, mas não queremos ir longe do nosso lugar e dos parentes."

"O guarani está com pressa porque o tempo de fazer roça vem vindo e a Itaipu está mandando sair no fim de abril e não queremos sair sem ter outro lugar".

FSP-22/02/82